

## Para que uma Sociologia da Literatura<sup>12</sup>

Carolin Amlinger<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente texto apresenta temas importantes da formação da Sociologia da Literatura, destacando a visão dinâmica da literatura como um produto de processos sociais. Tanto a socialidade do trabalho literário quanto a literatura como uma estrutura social são apresentadas a partir da perspectiva de autores fundamentais para a área, como Adorno, Lukács e Bourdieu. A partir da contribuição de importantes autores contemporâneos da sociologia da literatura, o presente texto destaca a importância de considerar os fatores sociais que intervêm na formação da obra literária.

**Palavras-chave:** Socialidade; Diferenciação; Sociologia da Literatura.

**Zusammenfassung:** In diesem Text werden wichtige Themen der Literatursoziologie vorgestellt, wobei die dynamische Sichtweise der Literatur als Produkt sozialer Prozesse betont wird. Sowohl die Sozialität des literarischen Werks als auch die Literatur als soziale Struktur werden aus der Perspektive von Schlüsselautoren auf diesem Gebiet wie Adorno, Lukács und Bourdieu dargestellt. Ausgehend von den Beiträgen wichtiger zeitgenössischer Autoren der Literatursoziologie unterstreicht dieser Text die Bedeutung der Berücksichtigung der sozialen Faktoren, die in die Entstehung literarischer Werke eingreifen.

**Schlüsselwörter:** Sozialität; Differenzierung; Literatursoziologie.

### Introdução

A primeira dificuldade que se coloca diante da Sociologia da Literatura é a definição de seu objeto. Aquilo que em uma perspectiva ingênua poderia ser posto como algo incondicional, a obra literária, delinea-se na visão da Sociologia da Literatura como um resultado de processos sociais. Ao invés de observar puramente o conteúdo estético de uma obra literária, a Sociologia da Literatura se ocupa do olhar que decide se e de que maneira um texto é considerado literário. O que é definido como literatura — e com isso a questão de quais obras estão aí abarcadas e quais não estão — parece, com isso, ser algo tão dinâmico e contingente como o próprio julgamento estético que categoriza as obras dentro dessa estrutura.

O segundo problema da Sociologia da Literatura é a questão da socialidade do literário. Theodor W. Adorno, em suas *Teses sobre a Sociologia da Arte*, publicadas em

<sup>1</sup> Texto publicado originalmente na *Merkur* Jg. 75/H. 868 (Setembro de 2021), p. 85-93.

<sup>2</sup> Tradução de Henrique Sagebin Bordini.

<sup>3</sup> Doutora em Literatura pela Technische Universität Darmstadt e pela Universidade de Frankfurt; Universidade de Basel. carolin.amlinger@unibas.ch

1967, em que critica duramente a orientação empírica da disciplina, constata de forma sucinta que “a questão sobre a arte, e tudo o que com ela se relaciona, ser um fenômeno social é ela própria um problema sociológico”. Não há dúvidas de que uma obra estética se forme em estruturas sociais, mas se ela pode ser esclarecida de forma exaustiva, isso já é outra questão. Um texto literário vive — que é algo óbvio para o estudioso da literatura, mas talvez não para o sociólogo — através de um excedente constitutivo de sentido, ou seja, ele produz mais sentido do que seus autores pretendiam produzir e mais interpretações do que seus intérpretes são capazes de determinar de forma clara. Se ignorássemos a semiótica polifônica dos textos literários, estaríamos negando a própria “Sociologia da Literatura”, como afirmou Peter V. Zima em sua *Crítica da Sociologia da Literatura*.

Em resumo, a intermediação de ambas as dimensões é uma questão central da Sociologia da Literatura. O conteúdo social da literatura foi por vezes interpretado em termos de sua rejeição da sociedade; enquanto obra de arte autônoma, a literatura segue princípios de organização imanentes. O mundo social é pensado aqui como um mundo externo ao da literatura, que tenta submetê-la a propósitos externos. Uma tal ideia é, em sua unilateralidade, tão falsa quanto o seu oposto — nomeadamente, a ideia de que a literatura seja um puro reflexo de cada sociedade em que ela foi criada. Pelo contrário, a literatura possui uma realidade múltipla. Ela pode se manifestar como não mediada (e, portanto, possuir uma eficácia social) ou se tornar acessível como completamente mediada. A Sociologia da Literatura pode ajudar a reconhecer a pluralidade das formas de manifestação social da Literatura.

9

### **O texto como uma estrutura social**

Em seu curso sobre Estética, oferecido por Georg Wilhelm Friedrich Hegel a partir de 1817, pode-se encontrar a sua famosa localização histórico-filosófica do gênero romance: “O romance, em seu sentido moderno, pressupõe uma realidade já ordenada em prosa”.

Na sociedade burguesa, o indivíduo se sente fora das instituições sociais, das leis e das formas de comunicação. O sentimento plenamente poético de sentir-se idêntico a si mesmo e de saber-se parte de um todo social harmonioso é perdido aqui. Conclusão de Hegel: a frágil prosa do mundo burguês arremessa o indivíduo na dura calçada da Modernidade. E o romance é uma forma de articulação estética dessa experiência. Nele, o herói luta contra um “mundo monstruoso” que obstrui os seus desejos subjetivos.

O jovem Georg Lukács retoma Hegel em sua *Teoria do Romance* (1916). Aquela que seria originalmente a introdução histórico-filosófica de sua habilitação nunca

terminada sobre Fiodor Dostoiévski foi escrita, de acordo com o seu prefácio da segunda edição de 1962, em um “estado de ânimo de completo desespero diante do estado do mundo”. Ele desenvolve ali a ideia de que a estrutura narrativa de um texto literário condensa uma experiência de tempo especificamente social e, nesse caso, burguesa:

O romance é a epopeia de uma época para a qual a totalidade extensiva da vida não é mais dada de forma evidente, para a qual a imanência do significado na vida se tornou um problema e que, no entanto, tem a atitude da totalidade.<sup>4</sup>

Enquanto um contexto significativo que não cria mais significado aparente em uma sociedade burguesa marcada pela contingência e por uma complexidade confusa, o romance busca restituir essa perda de significado.

Especialmente no romance em sua forma biográfica — no qual o protagonista anseia por uma impossível reconciliação com o mundo que se tornou externo a ele — condensa-se o destino de um “indivíduo problemático”. É digno de nota que, pelo olhar de Lukács, não apenas a estruturação social da realidade externa inscreva-se na forma estética do romance, mas também que a sua forma, contrafactualmente, se mantenha fiel a algo que parece constitutivamente perdido: um sentido abrangente que transcende a sua pura essência.

A leitura do jovem Lukács orienta a sua atenção para a “irrepresentabilidade” de uma consciência fractal que só se pode descrever através da estruturação estética do mundo social. A literatura, para Lukács, representa o que existe não apenas mimeticamente, mas também formula uma antítese insolucionável entre o ser e o dever-ser. Dessa forma, ela também pode se relacionar negativamente com a sua reprodução e, como Adorno elabora, ela pode formular “a consciência mais avançada das contradições dentro do horizonte de sua possível reconciliação”.

O ponto epistêmico aqui é que a estrutura ficcional de uma obra literária não representa simplesmente a facticidade do mundo burguês, mas também a irrepresentabilidade desse mundo fragmentado, que não pode mais ser experimentado como uma totalidade. O ganho de conhecimento, assim, volta-se menos à semântica do objeto representado do que à intermediação formal do significado social (e seu fracasso), através da qual manifesta-se a socialidade da literatura.

Será que ainda existe uma epopeia única de nossa época? Em que todas as tensões sociais irrompem em uma forma narrativa? O Grande Romance Social? Muito

<sup>4</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Vorlesungen über die Ästhetik III. In: *Werke*. Bd. 15. Hrsg. v. Eva Moldenhauer u. Karl Markus Michel. Frankfurt: Suhrkamp, 1986.

improvável. O que está cada vez mais forte, porém, são as questões sobre a representabilidade estética da experiência social. O que pode ser observado na tendência contemporânea à autoficção e às narrativas de gênero cruzado, que ligam a própria biografia com análises sociais — na literatura de língua alemã mais recente, por exemplo, há autores tão diversos como Christian Baron (*Ein Mann seiner Klasse*, 2020), Bov Bjerg (*Serpentinen*, 2020), Dilek Güngör (*Ich bin Özlem*, 2019; *Vater und ich*, 2021), Alem Grabovac (*Das achte Kind*, 2021), Dmitrij Kapitelman (*Eine Formalie in Kiew*, 2021) ou Deniz Ohde (*Streulicht*, 2020), cujos personagens estão diante de um distanciamento social, que é superável, no mundo em que se movimentam, e buscam uma linguagem para exprimir esse distanciamento.

De fato, não é apenas o seu conteúdo, com temas que vão da identidade cultural, da classe ao gênero, mas é também a sua estrutura narrativa que pode ser lida acima de tudo como política. O indivíduo problemático retorna aqui em uma forma moderna tardia. O herói do romance, que Lukács analisou, realiza uma vida significativa na medida em que a estrutura biográfica o confronta com duas esferas opostas da vida: o mundo subjetivo dos ideais e o mundo externo que os nega. Nas autoficções da modernidade tardia do presente, existem também figuras cuja subjetividade é conformada nas dificuldades da tentativa de se cruzar fronteiras sociais, de gênero ou culturais.

Aqui, o significado social forma-se a partir da observação literária de sua negação: a incapacidade de se chegar, de retornar ou de se formar genericamente uma identidade social. Essa complicada situação intensifica a natureza problemática do herói do romance moderno. Não existe mais apenas *uma* fissura entre dois mundos separados (o subjetivo e o objetivo), ela se duplica dentro desses mundos: a subjetividade das personagens é tão fragmentada quanto a sociedade é dividida. Elas permanecem em condições limite, sentem não pertencer a lugar algum — sua identidade forma-se ao longo de um isolamento constitutivo. O movimento narrativo desses textos nos diz muito sobre o estado da sociedade em que vivemos — sobre suas promessas não cumpridas, bem como sobre suas duras realidades.

### **Literatura na Sociedade**

Uma outra abordagem da Sociologia da Literatura não se ocupa da questão sobre como a sociedade é objetivada nas obras literárias, mas situa a literatura genericamente no processo de diferenciação social. Trata-se aqui da posição da literatura na sociedade. Max Weber observa que, no curso da racionalização burguesa moderna, as formas de expressão artística são dissociadas de seu conteúdo religioso: "A arte constitui-se então

como um cosmo de valores intrínsecos apreendidos de forma consciente que estão cada vez mais independentes."

A reflexão feita por Jürgen Habermas na sua teoria da Ação Comunicativa (1981) vê um potencial progressista — mas não estritamente — no programa weberiano de racionalização cultural, pois uma "liberação das leis inerentes da esfera da valoração estética" torna possível um "cultivo da experiência ao lidar com a natureza interior, ou seja, a interpretação metodológico-expressiva da subjetividade liberada das convenções cotidianas de cognição e ação". A libertação da arte e, em um sentido mais estrito, da literatura, abre um espaço de experimentação estético-expressiva no qual o sujeito moderno assegura-se de si mesmo de forma reflexiva.

A literatura como uma esfera social autônoma toma para si uma função complementar à função de racionalização da vida cotidiana. Sua tarefa social jaz assim em seu "papel compensatório" como um "mundo" contraposto à sociedade burguesa concreta. Na institucionalização da indústria da literatura (com autores como produtores de literatura, um público receptor e uma crítica literária como mediadora entre esses dois grupos), não apenas as práticas estéticas ganham um valor intrínseco, mas o indivíduo burguês também pode vivenciar sua própria subjetividade de forma diferente, expressiva.

Essa perspectiva que lê a arte e a cultura como compensação à racionalidade moderna é caracterizada pela tendência conservadora, pelo menos desde a palestra de Odo Marquard na Conferência de Reitores da Alemanha Ocidental em Bamberg, em 1985. Não há dúvidas de que Habermas toma aqui uma posição contrária à de outro famoso expoente da escola de Frankfurt: para Herbert Marcuse, em seu ensaio publicado em 1937, *Über den affirmativen Charakter der Kultur*, a autonomia da arte se expressa a partir de um caráter dual pérfido. Ainda que o ideal estético da beleza se manifeste no esforço humano por uma existência alegre, que é negada ao indivíduo na sociedade burguesa, é precisamente dessa forma que a arte compensa o estado infeliz - e, portanto, contribui para sua existência contínua. "É apenas na arte", escreve Marcuse, "que a sociedade burguesa tolerou a realização de seus próprios ideais e os levou a sério como uma reivindicação geral. Aquilo que na realidade vale como utopia, fantasia, subversão, é permitido ali". E acrescenta: "Aquilo que acontece na arte não subjuga ninguém".

Ou seja, para Marcuse, a arte é, em última análise, afirmativa quando desloca as imaginações sociais para a ficção, ao invés de realizá-las. Não é o processo gradativo de autonomia social que garante à arte o seu potencial crítico — como, por exemplo, via Adorno — muito pelo contrário, é a sua indiferenciação na vida social. Um projeto que

Marcuse acreditou ver realizado nas revoltas estudantis de 1968, quando a imaginação pareceu ganhar poder por um breve período.

Geralmente, as perspectivas sociológicas que interpretam a literatura como parte de um sistema autônomo que integra um todo interdependente enfatizam a sua função social. Na literatura (e na arte), a expressão estética tem um lugar social que compensa os impulsos sociais da racionalização. Entretanto, há uma discrepância sobre as consequências sociais da equalização estético-cultural. Pelo menos três interpretações distintas podem ser aqui identificadas:

A primeira sustenta que a leitura que estabiliza socialmente (tal qual defendida pela escola conservadora de Ritter) é na verdade o cosmo autorreferencial do valor estético, que nega o propósito racional da sociedade, contribuindo para o seu funcionamento. Ao invés de apresentar as disputas críticas sobre as patologias da modernidade desencantada, ele lhe oferece seus substitutos estéticos.

Para a segunda, a esfera estética autônoma produz efeitos colaterais irrefletidos que ajudam na erosão do tecido social. Mundos literários (assim como os artísticos) trazem novas formas de necessidades e formas particulares de vida, imensuráveis na vida profissional padronizada que pressiona para uma generalização.

Finalmente, para a terceira, a sociedade moderna com o seu sistema de valoração estética produz uma instância de observação conservadora, separada dela mesma. A arte, segundo Niklas Luhmann, faz do processo social de diferenciação funcional o seu objeto: "O sistema artístico efetua a sociedade sobre si mesmo como um caso exemplar. Ele mostra como ela é." A literatura torna-se, nesse sentido, um local de auto-observação social. Não apenas na obra estética, mas também em sua organização social.

Por que então voltar-se para a gênese sócio-histórica da autonomização estética hoje? Porque ela permite compreender a mudança social — mesmo no presente. Ainda que a diferenciação da esfera literária ainda fosse um sintoma das sociedades modernas, a sua indiferenciação pode ser lida como um indicador da sociedade moderna tardia. Está errado acreditar que a literatura ainda pode ser pensada como um fenômeno complementar em uma sociedade que já não é mais exclusivamente definida como sociedade de trabalho padronizada e objetificada. A sublimação da arte na vida não é realizada, como Marcuse acreditava, na utopia concreta de uma sociedade liberta, mas sim por meio de um "capitalismo estético", que se organiza na produção permanente do novo. Nele, os bens e os serviços em circulação estão submetidos ao princípio criativo da inovação ininterrupta. O poder criativo do capitalismo, onde "tudo o que é sólido desmancha no ar", não é mais domado por uma ordem burocrática, mas é sintetizado com normas artísticas. O sociólogo Andreas Reckwitz observa que a aspiração pela

originalidade e singularidade na modernidade tardia está se tornando tanto uma necessidade individual quanto uma expectativa social. A ideia da vanguarda estética, que queria estender a arte para a vida, se efetiva, porém, de uma forma pífida: ela se torna uma nova forma de disciplinamento da subjetividade capitalista.

A literatura torna-se, assim, em um grau cada vez mais elevado, um modelo de sociedade. Em sua autonomia estética, as obras dos autores são fabricadas como algo especial e assim valoradas pela crítica literária, do mesmo jeito que as práticas literárias são orientadas para criar uma singularidade, colocando-as contra o caráter seria da produção cultural do capitalismo. Se a sociedade moderna tardia se organiza segundo procedimentos de valoração muito semelhantes, então a maneira como a literatura lida com as suas próprias perturbações e polarizações autogeradas pode servir de caso social exemplar.

### **Literatura como Sociedade**

Desde a década de 1960, as abordagens empíricas trouxeram uma reformulação da pesquisa na Sociologia da Literatura: atores e instituições da indústria literária tornaram-se um objeto de investigação quantificado. A atenção dada para o universo da produção, distribuição e consumo literários superou o dualismo entre a literatura e a sociedade. A literatura passa a ser reconhecida como uma esfera social.

Em foco não está a estética da obra individual, mas sim a "interação das pessoas envolvidas na literatura", como escreveu o sociólogo Hans Norbert Fügen. Isto coloca, porém, novos desafios metodológicos para a Sociologia da Literatura: será que as práticas estéticas podem ser compreendidas através de métodos quantitativos, que transformam as ações individuais em dados anônimos? Afinal de contas, não é a literatura o "estado que exclui as tentativas de medi-lo", como resumiu Adorno em suas *Teses sobre a Sociologia da Arte*?

Os empiristas contornam esse problema com a afirmação de que o comportamento literário, ou seja, a coordenação social de todos os atores que estejam envolvidos na criação literária, não pode ser julgado seguindo critérios estéticos, mas apenas por critérios sociais. Para estes, o que interessa é a obra literária como um valor empírico quantificável no impacto econômico, não em sua forma estética. Essa desconsideração da estética e o foco em resultados objetivamente verificáveis e significativamente perceptíveis foi visto como uma provocação para a Sociologia da Literatura de

orientação hermenêutica que, aderindo a Lukács, buscava reconstruir as estruturas sociais de significado nos textos.

Junto de Fügen estavam outros sociólogos, como Robert Escarpit ou Alphonse Silberman, que pesquisavam as “Interrelações, Interações e Interdependências” entre os produtores e consumidores. Para eles, a literatura é antes de tudo um bem cultural de massa, cujo efeito sobre os leitores deve ser pesquisado. A abordagem empírico-positivista pode ser lida como um efeito colateral da indústria cultural do século XX, orientada para o crescimento: seus métodos são recortados para se adaptar à dinâmica do mercado editorial concentrado e os seus resultados podem ser utilizados de forma direta para otimizar a ação do mercado. Não é nenhuma coincidência que o Grupo Bertelsmann tenha fundado um instituto para a pesquisa do mercado editorial, em 1961.

Considerando todas as críticas justificadas, é preciso dizer que a Sociologia da Literatura empírica abriu novas searas: ela fez de forma radicalmente diferente a pergunta “o que deve ser compreendido por Literatura?” (Fügen). Segundo Fügen, a literatura não pode incluir apenas obras com alto valor estético, pois assim não é possível fornecer informações sobre critérios de atribuição de valor ou de valor literário específico.

A literatura é determinada por aqueles que a criam (em que o *ato da leitura* também pode ser compreendido como um ato de criação literária). Tal orientação para a interpretação da obra literária como um efeito de práticas sociais também chama a atenção para um ponto cego nas abordagens hermenêuticas: elas interpretavam principalmente a literatura que poucas pessoas de fato liam. Os esboços sociais da literatura, que eram ali interpretados, provinham em sua maioria da alta cultura, não provinham de *dime novels*, romances locais, histórias de aventuras, romances médicos ou literatura policial. Se tudo isso for incluído junto àquelas obras rotuladas de “literárias” pelas práticas da recepção, o conceito de literatura se torna mais amplo e diversificado.

A atitude pré-reflexiva de atribuir valor literário a certos textos, depreciando outros, foi um dos principais temas estudados pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Sua teoria do campo literário amplia perspectivas de forma a incluir as regularidades latentes da indústria literária, da academia, da produção e da recepção da literatura. Sua principal obra a se ocupar do assunto “*As regras da arte: gênese e estrutura do campo*



*literário*" (1992), foi de grande importância para a pesquisa da Sociologia da Literatura. Bourdieu reconstrói a literatura como um campo social que age de forma autônoma internamente e que está conectado a outros campos sociais na luta por recursos escassos de poder.

A ele interessa a estruturação social do campo literário, "um universo com as próprias leis de funcionamento e transformação", que, no decorrer de sua autonomização na França do século XIX, tornou-se uma contraparte espelhada do mundo econômico. Em primeiro plano, a estética pode parecer sem interesses, mas por detrás dela, os atores lutam com grandes interesses próprios pelo poder social de produzir literatura. O campo literário nada mais é do que uma "arena na qual os concorrentes lutam pela preservação e pela mudança".

Reconstruir as regras sociais que estão sedimentadas na indústria da literatura significa, portanto, revelar os seus mecanismos de seleção latentes, os quais se baseiam em um reconhecimento tácito de regras não ditas. Pois ser premiado com um prêmio literário ou não o ser, ser resenhado ou não o ser, diz respeito antes de tudo à reprodução do poder social. Destacar-se na indústria da literatura é o mesmo que uma luta pelos espaços limitados na prévia de um programa — como o debate sobre a falta de diversidade no prêmio da Feira do Livro de Leipzig deste ano — ou nos prêmios literários. Uma luta disputada também em meios desiguais.

Da mesma maneira, a busca inquieta, economicamente motivada, pelas novas vozes na literatura acarreta em consequências sociais desastrosas: a concorrência entre autoras e autores cresce e com isso reduzem-se as chances de se estabelecer como autora ou autor a longo prazo. Em seu escrito *Under the Cover* (2017), Clayton Childress expande a abordagem de Bourdieu para fazer justiça às múltiplas realidades da literatura. A maneira como as autoras e autores escrevem literatura e, com isso, são valorizadas/os pelas autoridades da crítica literária está ligada antes ao campo da produção econômica, que traduz as obras singulares em uma estrutura de competição compatível.

Caso o foco seja colocado (à moda de Bourdieu) na dinâmica social da indústria literária, sem com isso ignorar as leis do mercado literário (como Childress), se vai descobrir que a concorrência de mercado nas instituições (como a crítica literária, os

prêmios literários ou as instituições literárias) favorece uma estrutura de exclusividade pré-moderna, onde os princípios de classe ainda vingam, criando uma ideia de pertencimento por meio de um sentimento de comunidade pré-reflexivo ou de conformidade habitual. Inconscientemente, os fatores extraliterários desempenham um papel na avaliação da qualidade literária: o julgamento sobre o fato de um autor ou uma autora ter ou não uma nota específica não pode ser separado de seus próprios envolvimento sociais. O fato de posições cobiçadas serem distribuídas em uma comunidade que tende a ser fechada é um problema negociado de forma autorreflexiva da indústria literária, mas que ainda não foi resolvido.

A esfera literária não está acima dos regramentos sociais; nela, os limitados recursos são distribuídos de forma tão desigual quanto em outras partes da sociedade. Da mesma forma como, na literatura contemporânea, uma sociedade moderna tardia que luta contra as fissuras e as polarizações pode retornar à sua reflexividade, a literatura pode ser melhor compreendida se se incluir o que é negado na esfera do valor estético inerente: os procedimentos econômicos do mercado, que produzem comunidades potencialmente fechadas. A questão sobre o que significa a literatura para uma sociedade está inevitavelmente ligada à questão de como a literatura é ali produzida.

17

## Referências

- ADORNO, T. **Thesen zur Kunstsoziologie**. In: Ders., Kulturkritik und Gesellschaft I. Prismen. Ohne Leitbild (Gesammelte Schriften. Bd. 10.1). Hrsg. v. Rolf Tiedemann. Frankfurt: Suhrkamp, 1977.
- ADORNO, T. **Ästhetische Theorie**. Hrsg. v. Gretel Adorno u. Rolf Tiedemann. Frankfurt: Suhrkamp, 1973.
- AMLINGER, C. **Schreiben. Eine Soziologie literarischer Arbeit**. Frankfurt: Suhrkamp, 2021.
- BOURDIEU, P. **Die Regeln der Kunst. Genese und Struktur des literarischen Feldes**. Frankfurt: Suhrkamp, 1999.
- CHILDRESS, C. **Under the Cover. The Creation, Production, and Reception of a Novel**. Princeton University Press, 2017.
- FÜGEN, H. **Hauptrichtungen der Literatursoziologie und ihre Methoden. Ein Beitrag zur literatursoziologischen Theorie**. Bonn: Bouvier 1964.
- HABERMAS, J. **Theorie des kommunikativen Handelns. Bd 1. Handlungsrationalität und gesellschaftliche Rationalisierung**. Frankfurt: Suhrkamp, 1995.
- HEGEL, F. **Vorlesungen über die Ästhetik, III**. In: Werke. Bd. 15. Hrsg. v. Eva Moldenhauer u. Karl Markus Michel. Frankfurt: Suhrkamp, 1986.

- JOCH, M. & WOLF, N. **Text und Feld. Bourdieu in der literaturwissenschaftlichen Praxis.** Tübingen: Niemeyer 2005.
- LUHMANN, N. **Die Kunst der Gesellschaft.** Frankfurt: Suhrkamp 1997.
- LUKÁCS, G. **Die Theorie des Romans. Ein geschichtsphilosophischer Versuch über die Formen der großen Epik.** In: Werkauswahl in sechs Bänden. Bd. 2. Hrsg. v. Frank Benseler u. Rüdiger Dannemann. Bielefeld: Aisthesis, 2009.
- MAGERSKI, C. & Karpenstein-Eßbach, C. **Literatursoziologie: Grundlagen, Problemstellungen und Theorien.** Wiesbaden: Springer VS 2019.
- MARCUSE, H. **Über den affirmativen Charakter der Kultur.** In: Ders., Kultur und Gesellschaft I. Frankfurt: Suhrkamp 1965.
- MARCUSE, H. **Versuch über die Befreiung.** Frankfurt: Suhrkamp 1969.
- RECKWITZ, A. **Die Erfindung der Kreativität. Zum Prozess gesellschaftlicher Ästhetisierung.** Berlin: Suhrkamp, 2012.
- RECKWITZ, A. **Die Gesellschaft der Singularitäten. Zum Strukturwandel der Moderne.** Berlin: Suhrkamp, 2019.
- SILBERMANN, A. **Empirische Kunstsoziologie. Eine Einführung mit kommentierter Bibliographie.** Stuttgart: Enke 1973.
- SPOERHASE, C. **Politik der Form. Autozoziobiografie als Gesellschaftsanalyse.** In: Merkur, Nr. 818, Juli 2017.
- WEBER, M. **Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie - Band 1.** Tübingen: Mohr Siebeck 1988.
- ZIMA, P. **Kritik der Literatursoziologie.** Frankfurt: Suhrkamp 1978.